



DECRETOS

CONGREGAÇÃO
GERAL

XXXII

A NOSSA MISSÃO NOS DIAS DE HOJE: DIACONIA DA FÉ E PROMOÇÃO DA JUSTIÇA

INTRODUÇÃO

1. O documento da *nossa missão nos dias de hoje* é um dos principais da Congregação Geral XXXII. Tem latente em si uma grande complexidade de problemas que foram sendo abordados ao longo de toda ela.

Muitos foram os postulados recebidos acerca dos *critérios fundamentais que deviam presidir à nossa actividade apostólica*. Mas eram ainda mais numerosos os que tratavam da *promoção da justiça* como dimensão essencial do nosso apostolado e até da nossa vida.

A importância destes problemas tornou-se bem manifesta desde o início do debate em ordem à escolha dos temas que deveriam ser tratados prioritariamente. Com efeito, entre os seis pontos que obtiveram mais de metade dos votos favoráveis, encontravam-se os seguintes: *Critérios do nosso serviço apostólico*, em 1.º lugar, e a *promoção da justiça* em 4.º lugar. O tema *critérios do nosso apostolado* foi confiado à I Comissão e o da *promoção da justiça* à IV.

Mais tarde, quando se tratou de determinar a «prioridade das prioridades» dos temas a serem tratados, não poucos dos Padres congregados foram de parecer que se tratassem ao mesmo tempo estes dois temas, o que a Congregação Geral aprovou.

2. Os postulados acerca dos critérios do nosso serviço apostólico nos dias de hoje relacionavam-se, sobretudo, com as características do nosso apostolado sacerdotal e a significação de *ministérios* na Fórmula do Instituto, com o lugar que se devia dar ao trabalho profissional, a resposta da Companhia às necessidades apostólicas emanadas do ateísmo e indiferença religiosa, o sentido apostólico das nossas tarefas educacionais, a dimensão do ecumenismo, etc.

Ao examinar os maiores «detrimentos» que a Companhia sofrera nos últimos anos (como certa dispersão ou desagregação apostólica, o individualismo, a independência na escolha de actividades, etc.), a Congregação julgou que se devia robustecer o sentido de *corpo* apostólico, de comunidade apostólica e de obediência para a *missão*, e que se devia ainda renovar a função do Superior no discernimento apostólico individual e comunitário.

Finalmente os postulados sobre a promoção da justiça no mundo, embora em grau e de modos diferentes, indicavam que hoje se devia dar muito maior importância a este aspecto de apostolado.

3. Perante toda esta complexidade de problemas se encontrou a Congregação Geral, quando a 14 de Dezembro de 1974 foi apresentada a primeira relação sobre *a missão da Companhia e a justiça no mundo* que unificara os dois temas: «critérios do nosso serviço apostólico» e «promoção da justiça».

No debate não faltaram tensões entre as diferentes perspectivas acerca daquela relação. A I e IV Comissão, viram logo que era preciso colaborar em conjunto no sentido de elaborar um único documento que tivesse em conta o que a Congregação Geral dizia acerca da promoção da justiça e os esclarecimentos sobre os critérios fundamentais do nosso apostolado. Parecia claro que a mente da mesma Congregação não era de descer à consideração minuciosa dos sectores particulares na linha do apostolado, mas antes manter-se na linha dos critérios, estilo e modo de inserção.

4. Entretanto, em Janeiro de 1975, a Presidência da Congregação, por sugestão de muitos congregados, pediu para que se tentasse unificar o tema da *missão, segundo a índole e fim apostólico da Companhia* com os da *promoção da justiça e critérios de apostolado*. Com efeito, o tema da missão tinha grande importância na determinação dos critérios de apostolado nos dias de hoje. Deste modo, as Comissões I, II e IV começaram a trabalhar em conjunto. O grupo redactorial destas três Comissões, elaborou uma única relação, unificando os três temas que intitulou: *missão da Companhia acerca do serviço da fé e promoção da justiça*.

No dia 1 de Fevereiro, a Congregação foi de parecer que essa relação se deveria abreviar mais e dar maior relevo ao aspecto da promoção da fé e à missão da Companhia sobre o ateísmo. Indicou também que se apresentassem alguns critérios, poucos mas seguros, acerca da participação na política.

O grupo redigiu novo texto (a terceira relação) que apresentou em francês, com tradução em espanhol e inglês, pedindo a todos os congregados que fizessem as correcções e observações que entendessem. Choveu uma quantidade enorme de observações que obrigaram o grupo a redigir uma quarta relação. Foi esta apresentada à Congregação no dia 21 de Fevereiro. Também ainda não faltaram emendas e correcções. Entre estas merecem ser apontadas aquelas que introduziram os novos parágrafos sobre a comunidade apostólica, a função do Superior, a obediência *missionária* e o sentido de todo o *corpo*, aspectos que já tinham sido apontados nos trabalhos iniciais, da II Comissão, mas que escaparam na quarta relação deste documento.

5. Se se compara a redacção final deste decreto com as primeiras redacções, poderá depreender-se que o serviço da fé está apontado como primário na vida apostólica da Companhia, enquanto a promoção da justiça dele dimana como exigência absoluta, sobretudo nas actuais circunstâncias do mundo de hoje.

Aponta também o decreto para a necessidade dum conhecimento mais profundo dos homens, das suas aspirações e modo de sentir, bem como para a necessidade duma real inserção no meio deles, sobretudo entre aqueles que levam uma vida mais simples e pobre e sofrem na sua carne as consequências da injustiça.

Convidam-se todos os jesuítas a um sério exame das suas relações, do seu estilo de vida e da capacidade de comunicarem as suas convicções íntimas com aqueles que não partilham da nossa fé. Igualmente são convidados a uma autêntica e profunda conversão da mente e do coração.

DECRETO

Introdução e sumário

1. De toda a parte dirigiram os jesuítas numerosos pedidos à Congregação Geral, solicitando opções claras e orientações concretas sobre a nossa missão nos dias de hoje. Quer a Congregação Geral XXXII responder aqui a tais pedidos. **47**

2. A missão da Companhia de Jesus, hoje, é o serviço da fé, do qual a promoção da justiça constitui uma exigência absoluta enquanto faz parte da reconciliação dos homens, exigida pela reconciliação dos mesmos com Deus. **48**

3. Foi sempre esta a missão da Companhia, embora em modalidades diferentes¹; mas hoje reveste sentido novo e urgência muito especial, devido às necessidades e aspirações dos homens do nosso tempo. A esta luz, queremos considerá-la com um olhar novo. Efectivamente encontramos-nos em presença de uma série de novos desafios. **49**

¹ Cf. Fórmulas do Instituto aprovadas pelos Sumos Pontífices Paulo III e Júlio III, sobretudo o n. 1.

- 50** 4. Pela primeira vez, há hoje sobre a terra mais de dois bilhões de homens e mulheres, que não conhecem o Pai nem Quem Ele enviou, Jesus Cristo², mas que não deixam de sentir sede ardente desse Deus que adoram no segredo dos seus corações, sem O conhecerem explicitamente.
- 51** 5. Ao mesmo tempo grande número dos nossos contemporâneos, fascinados, dominados mesmo, pelo poder da razão humana, perdem o «sentido de Deus», quer mostrando-se esquecidos do mistério do homem quer rejeitando o seu sentido último.
- 52** 6. Além disso o nosso mundo, apesar de marcado por interdependência crescente, encontra-se dividido pela injustiça — injustiça não só entre pessoas, mas também encarnada nas instituições e estruturas sócio-económicas e políticas, que dominam a vida das nações e da comunidade internacional.
- 53** 7. A nossa resposta a estas novas necessidades só terá valor se for total, comum, enraizada na fé e na experiência, e, enfim, multiforme:
- *total*: devemos apoiar-nos na oração fervorosa, actuar na certeza de que só Deus pode converter o coração do homem, e, ao mesmo tempo, investir tudo o que somos e temos: as nossas pessoas, as nossas comunidades, as nossas instituições, os nossos recursos e o nosso apostolado;
- 54** — *comum*: cada membro da Companhia deve colaborar na missão de conjunto, segundo as suas aptidões e funções próprias, vivendo o corpo inteiro desta conjunção de esforços, sob a direcção do

² Cf. Exercícios Espirituais, n. 102.

Sucessor de Pedro, responsável pela Igreja universal, à frente de todos quantos o Espírito estabeleceu pastores das Igrejas³;

- *enraizada na fé e na experiência*: estas ajudar-nos-ão a melhor vermos como se há-de responder a necessidades novas, nascidas de situações novas; **55**
- *multiforme*: sendo diferentes as situações em umas e outras partes do mundo, precisamos de desenvolver a nossa capacidade de adaptação para actuarmos com a maleabilidade requerida, tendo sempre diante dos olhos, como objectivo único e constante, o serviço da fé e a promoção da justiça. **56**

8. Se o mundo em que vivemos nos lança novos desafios, põe também à disposição novos instrumentos, meios novos e mais adequados para conhecer o homem, a natureza e a sociedade, quer para comunicar pensamentos, imagens e sentimentos, quer para tornar a acção mais eficaz. Devemos aprender a usar deles a favor da evangelização e do desenvolvimento do homem. **57**

9. Daqui a necessidade duma revisão dos nossos tradicionais métodos apostólicos, das nossas atitudes e das nossas instituições, para tudo adaptar às novas exigências da nossa época e, mais amplamente, a um mundo em mutação acelerada. **58.**

10. Isto requer discernimento: o discernimento espiritual que Inácio nos ensina na experiência dos *Exercícios* e que devemos utilizar também para conhecer, mais a fundo, os diversos movimentos, aspirações e combates que animam os homens, numa palavra, tudo quanto faz pulsar o coração da humanidade. **59**

³ Cf. Conc. Vaticano II, const. «Lumen Gentium», n. 22.

- 60** 11. A nossa missão hoje é, portanto, pregar e manifestar Cristo, para todos poderem conhecer Aquele que, desde a origem do mundo, quis estar presente no meio dos filhos dos homens e se compraz em actuar na sua história ⁴.
- 61** 12. No cumprimento desta missão, devemos persuadir-nos mais do que nunca que «os meios que unem o instrumento com Deus, e o dispõem a deixar-se conduzir fielmente pela mão divina, vencem em eficácia os que o dispõem em relação aos homens» ⁵.

A. A nossa missão: ontem e hoje

O Carisma da Companhia

- 62** 13. A missão da Igreja na qual fomos chamados a participar, é revelar aos homens o amor de Deus nosso Pai: amor que se faz promessa de vida eterna. Do olhar de Deus sobre o mundo brota a missão de Jesus que veio para servir e dar a vida em resgate por muitos ⁶. Da missão de Jesus provém, por sua vez, a nossa missão comum de cristãos, membros duma igreja enviada aos homens para lhes revelar a salvação e para que eles tenham a «vida em abundância» ⁷.
- 63** 14. Inácio e os seus companheiros, na experiência espiritual dos Exercícios, quiseram considerar atentamente o mundo do seu tempo, para descobrir os seus apelos. Contemplaram detidamente «as três Pessoas divinas olhan-

⁴ Cf. Prov. 8, 22-31; Col., 1, 15-20.

⁵ Exercícios, n. 813.

⁶ Cf. Mt., 20, 38.

⁷ Cf. Io., 10, 10; Mt., 9, 36; 10, 1-42; e Jo., 6.

do para toda a superfície ou redondeza do universo, cheia de homens», e decidindo «que a segunda Pessoa se fizesse homem para salvar o género humano». Com Deus, detiveram-se a observar os homens do seu tempo «uns depois dos outros», «em toda a sua variedade de costumes e atitudes: uns brancos, outros pretos; uns em paz, outros em guerra; uns chorando, outros rindo; uns de boa saúde, outros doentes; uns a nascer, outros a morrer, etc.»⁸. Assim aprenderam como poderiam, em resposta ao chamamento de Cristo Senhor, trabalhar na implantação do seu Reino⁹.

15. Reunidos na mesma visão de fé, fortes na mesma **64**
esperança e enraizados no mesmo amor de Cristo, de quem desejavam ser companheiros, Inácio e o seu primeiro grupo apostólico julgaram que serviriam tanto mais eficazmente os seus contemporâneos, quanto mais estreitamente estivessem unidos entre si, num mesmo corpo religioso, apostólico, sacerdotal, e ligado ao Sucessor de Pedro por um laço especial de amor e serviço, assegurando a sua total disponibilidade ao serviço da missão universal da Igreja.

16. À luz do seu exemplo, somos convidados a viver **65**
mais intensamente a dimensão propriamente apostólica da nossa vida religiosa. A nossa consagração a Deus é, na realidade, rejeição profética dos ídolos — dinheiro, prazer, prestígio e poder — que o mundo está sempre tentado a adorar. A nossa pobreza, a nossa castidade e a nossa obediência devem ser testemunho visível desta rejeição. Apesar de ser imperfeita toda a antecipação do Reino que há-de vir, estas virtudes devem proclamar a possibili-

⁸ Cf. Exercícios Espirituais, nn. 102 e 106 (contemplação da Encarnação).

⁹ Cf. Exercícios Espirituais, nn. 91-100 (contemplação do Reino).

dade evangélica, graças a um dom de Deus, duma comunhão entre os homens, fundada: na repartição e não no açambarcamento; na disponibilidade e abertura, e não na busca de privilégios de castas, classes ou raças; no serviço, e não no domínio ou exploração. Os homens e mulheres do nosso tempo necessitam desta esperança escatológica e dos sinais da sua realização já antecipada.

- 66** 17. A Carta Apostólica de Paulo III (1540) e a de Júlio III (1550) definiram a Companhia de Jesus como «instituída principalmente para a defesa e a propagação da fé, e o aperfeiçoamento das almas na vida e na doutrina cristãs, por meio de pregações públicas, lições e qualquer outro ministério da palavra de Deus, Exercícios espirituais, obras de caridade, formação cristã das crianças e dos rudes, e Confissão e administração dos outros Sacramentos», e «para pacificar os desavindos, piedosamente ajudar e servir os que se encontram presos nas cadeias e enfermos nos hospitais, e exercitar as outras obras de caridade conforme se julgar conveniente para a glória de Deus e o bem universal»¹⁰. Estas referências às nossas origens são para nós capitais.

Hoje

- 67** 18. A missão da Companhia hoje é serviço presbiteral da fé, quer dizer, tarefa apostólica destinada a ajudar os homens a abrirem-se a Deus e a viverem segundo todas as dimensões e exigências do Evangelho. Ora, a existência segundo o Evangelho, é vida purificada de todo o egoísmo e de toda a busca de vantagem própria, bem como de toda a forma de exploração do próximo. É vida em que resplandece a perfeita justiça do Evangelho que

¹⁰ Cf. Fórmula do Instituto, aprovada por Júlio III, n. 1.

dispõe não só a reconhecer e a respeitar os direitos e dignidade de todos os homens, especialmente dos mais pequenos e dos fracos, mas ainda a promover eficazmente tais direitos e tal dignidade, e a abrir-se generosamente a toda a miséria do próximo, seja ele estrangeiro ou inimigo, até ao perdão das ofensas e à superação das inimizades por meio da reconciliação. Tal atitude de alma não se obtém só pelas forças do homem; é um fruto do Espírito. Este transforma os nossos corações e enche-os de misericórdia e da força própria de Deus; força pela qual Ele manifestou a sua justiça usando connosco de misericórdia, quando nós éramos injustos, e chamando-nos à sua amizade ¹¹. Neste sentido, o serviço presbiteral da fé inclui, como parte integrante, a promoção da justiça.

19. Na sua alocução de 3 de Dezembro de 1974, o **68** Papa Paulo VI confirmou de novo que «a expressão moderna do nosso voto de obediência ao Romano Pontífice», é o encargo de enfrentarmos as múltiplas formas do ateísmo contemporâneo, missão já confiada à Companhia por ocasião da XXXI Congregação Geral. E fez o elogio dos jesuítas que, através dos séculos, estiveram presentes nas encruzilhadas ideológicas e no centro dos conflitos sociais, ali onde se opera a confrontação das aspirações mais ardentes dos homens, com a mensagem permanente do Evangelho ¹². Se queremos manter-nos fiéis à característica própria da nossa vocação, como também à missão recebida do Sumo Pontífice, precisamos de «contemplar» o nosso mundo como Santo Inácio olhava para o do seu tempo, a fim de captarmos o chamamento de Cristo, que morre e ressuscita de novo, no meio das misérias e aspirações dos homens.

¹¹ Cf. Rom., 5, 8-9.

¹² Cf. Alocução de S. S. Paulo VI aos membros da XXXII Congregação Geral, 3 de Dezembro de 1974.

- 69 20. Quantos milhões de homens do nosso tempo sofrem pobreza e fome, uma *repartição desigual e injusta dos bens e recursos*, e as consequências da discriminação social, racial e política! Por toda a parte, são ameaçadas cada dia a vida do homem e a sua própria qualidade. Apesar das possibilidades abertas pela técnica, cada vez mais claramente se vê que o homem não está disposto a pagar o preço duma sociedade mais justa e mais humana ¹³.
- 70 21. E estes problemas — quem o não sabe ao menos confusamente? — são pessoais e espirituais, bem como sociais e técnicos. Está em jogo o próprio sentido do homem, do seu futuro e do seu destino. Não há só fome de pão, mas também da Palavra de Deus (Deut. 8, 3; Mat. 4, 4). Por isso, há-de o Evangelho ser anunciado com novo vigor e é preciso que possa ser compreendido. À primeira vista dir-se-ia que Deus está ausente da vida pública e mesmo da consciência dos homens. Mas por toda a parte, se soubermos estar atentos, veremos também que esses mesmos homens aspiram pelo encontro com Jesus Cristo, e esperam o seu Reino de amor, justiça e paz.
- 71 22. Os dois últimos Sínodos dos Bispos, ao tratarem da *Justiça no mundo* e da *Evangelização do mundo contemporâneo* chamam a nossa atenção para esta esperança dos homens e para esta convergência dos seus desejos. Neles podemos descobrir também os caminhos concretos daquele testemunho que devemos dar e da nossa missão na actualidade.

¹³ Das angústias e interrogações do nosso tempo encontramos um eco evangélico e verdadeiramente apostólico em «Gaudium et Spes», «Mater et Magistra», «Pacem in Terris», «Populorum Progressio» e «Octogesima Adveniens»: por meio destes documentos do Magistério eclesiástico, as preocupações do nosso tempo chegam até nós e interpelam-nos como exigências da nossa vida e do nosso serviço apostólico.

23. Os problemas e as expectativas do nosso mundo são, aliás, os de cada um de nós. Com efeito não estamos isentos da cegueira e da injustiça, que acabamos de descrever. Nós próprios temos necessidade de ser evangelizados, de encontrar Cristo actuando hoje no mundo com o poder do seu Espírito. Ao mesmo tempo, é a este mundo, ao nosso mundo, que nós somos enviados: as suas carências e as suas aspirações são apelo lançado a pedir esse Evangelho, que temos missão de anunciar. **72**

B. Novos desafios

Novas necessidades, novas expectativas

24. Um primeiro facto caracteriza o mundo que temos missão de evangelizar: por toda a parte, embora em situações muito diversas, devemos anunciar Jesus Cristo a homens e mulheres que, em boa verdade, nunca dele ouviram falar ou só o conhecem imperfeitamente. **73**

a) Havia antigamente as chamadas «terras de missão», onde vários dos nossos companheiros, anunciando o Evangelho, se esforçavam por colaborar na criação ou desenvolvimento de novas comunidades cristãs. Esse trabalho de evangelização directa, pelo anúncio de Jesus Cristo, continua a ser, ainda hoje, essencial, porque nunca houve tantos homens que, de facto, ainda não tenham ouvido a palavra de Jesus Salvador; e, ao mesmo tempo, o diálogo com os crentes doutras religiões torna-se apostolado cada vez mais importante para nós.

b) Por outro lado, nas regiões tradicionalmente cristãs, as obras e movimentos, as casas de Exercícios, as escolas, e os nossos colégios continuam a assegurar um necessário serviço da fé. Mas quantos não podem ser atingidos

pelo ministério da Palavra, exercido nessas obras e instituições! Até os países chamados «cristãos» se tornaram «terras de missão».

- 74** 25. Outro facto característico diz respeito ao nosso anúncio do Evangelho de Jesus Cristo: as possibilidades tecnológicas novas e as descobertas das ciências humanas. Relativizando, de maneira frequentemente radical, a visão do homem e do mundo a que estávamos habituados, estas descobertas modificaram as perspectivas tradicionais.

A mutação cultural e sócio-estrutural não deixa de ter repercussões consideráveis na vida pessoal de cada um e, ao mesmo tempo, na vida colectiva e suas implicações. As escalas de valores tradicionais e os símbolos familiares, foram-se desintegrando a pouco e pouco com a eclosão de novas aspirações que procuram articular-se em projectos, programas e realizações concretas.

- 75** 26. A secularização do homem e do mundo toma formas diversas, segundo os grupos, as classes, as idades e as regiões. Contudo, por toda a parte, constitui para a evangelização, um desafio novo, inédito.

a) Por um lado, torna-se mais claro que certas imagens falsas de Deus que consagraram e legitimaram a permanência de estruturas injustas, não são toleráveis. Indo mais ao fundo, outras imagens de Deus mais ambíguas ainda, deixam de ser aceitáveis, pois tiram ao homem as suas responsabilidades próprias. Isto sentimo-lo nós mesmos com os nossos contemporâneos; e sentimo-lo talvez mais que outros, exactamente porque queremos anunciar o Deus revelado em Jesus Cristo. Assim, tanto para nós como para os outros, torna-se necessário trabalhar na busca de nova linguagem, duma nova simbologia que nos permita encontrarmo-nos melhor a nós mesmos, e ajudar os outros a encontrarem, para além dos ídolos destruídos, o verdadeiro Deus: Aquele que, em Jesus Cristo, escolheu

tomar parte na aventura humana e ligar-se irrevogavelmente ao seu destino. A memória viva de Jesus chama-nos a esta fidelidade criadora.

b) Por outro lado, certas estruturas de evangelização, sentidas como ligadas a uma ordem social contestada, na prática são postas em questão. As nossas obras apostólicas e as nossas instituições participam muitas vezes, como várias instituições eclesiais, daquilo que em geral se pode chamar a crise das instituições e das mediações. Vivemos isto com os nossos contemporâneos, e de maneira particularmente dolorosa. O valor dos nossos compromissos religiosos, sacerdotais e apostólicos, não é, em muitos casos, compreendido por aqueles que nos rodeiam. E, apesar da firmeza da nossa fé e das nossas convicções, acontece que esse valor não se mostra claro, nem sequer aos nossos próprios olhos. Daqui certos mal-estares; daqui, talvez, certos silêncios, certos retraimentos. Contudo, diversos sinais actuais de renovação religiosa convidam-nos a reforçar os nossos compromissos e a abrir novos caminhos de evangelização.

27. Há ainda um terceiro traço característico e particularmente importante para a nossa missão evangelizadora: o homem pode hoje tornar o mundo mais justo, mas não o quer a sério. O novo domínio do homem sobre o mundo, e até sobre si mesmo, leva-o muitas vezes à exploração dos indivíduos, colectividades e povos, mais que à repartição equitativa dos recursos do nosso planeta; causa roturas e divisões, mais que comunhão e comunicação; desencadeia opressão e domínio, mais que respeito dos direitos individuais e colectivos numa fraternidade mais real entre os homens. As desigualdades e injustiças já não podem ser consideradas como resultado dalguma fatalidade «natural»; são antes obra do homem e do seu egoísmo. Não há, por conseguinte, promoção propriamente cristã da justiça integral sem um anúncio de 76

Jesus Cristo e do mistério da reconciliação que Ele levou a bom termo. É Cristo, de facto, quem abre o caminho a esta libertação total e definitiva, à qual o homem aspira no mais íntimo do seu ser. Inversamente, não há verdadeiro anúncio de Cristo, não há verdadeira proclamação do seu Evangelho¹⁴, sem compromisso decidido de promover a justiça.

O que de nós se requer

77 28. De todas as regiões do mundo, onde trabalham jesuítas, têm chegado pedidos, muito convergentes e instantes, a solicitarem que, por uma opção clara da Congregação Geral, a Companhia assuma o compromisso sério de servir a promoção da justiça. Efectivamente esta opção é hoje requerida, com particular urgência, pela nossa missão apostólica. No centro da mensagem cristã está Deus revelando-se *em* Cristo como Pai de todos os homens *pelo* Espírito que os chama à conversão. Esta implica de maneira indivisível uma atitude de filho para com Ele e atitude de irmão para com o próximo. Não há conversão autêntica ao amor de Deus sem conversão ao amor dos homens e, conseqüentemente, às exigências da justiça. A própria fidelidade à missão apostólica requer, portanto, que proponhamos a salvação cristã integral, quer dizer, que, em primeiro lugar, devemos introduzir os homens no amor do Pai e, por Ele, no amor do próximo e da justiça. A evangelização é proclamação da fé que opera no amor aos homens: não se pode realizar a sério sem promoção da justiça.

78 29. Esta é a condição da fecundidade de todas as nossas tarefas apostólicas, em particular se queremos ser coerentes no combate contra o ateísmo. Com efeito, a

¹⁴ Gal., 5, 6; Ef., 4, 5.

injustiça que reina no nosso mundo sob diversas formas, negando a dignidade e os direitos do homem, imagem de Deus e irmão de Cristo ¹⁵, constitui ateísmo prático, uma negação de Deus. O culto do dinheiro, do progresso, do prestígio e do poder, tem como fruto esse pecado da injustiça institucionalizada, condenada pelo Sínodo de 1971, que conduz à escravidão e à morte até mesmo do opressor.

30. Já que não falta hoje quem procure organizar **79**
o mundo sem Deus e nisso trabalhe com a maior decisão, havemos por isso de esforçar-nos por manifestar claramente que a esperança cristã não é nenhum ópio, mas pelo contrário, nos leva a um compromisso firme e realista de fazermos o mundo diferente do que ele é, e, por conseguinte, sinal do outro mundo e penhor de «nova terra sob novos céus» ¹⁶. O último Sínodo lembrou-nos isto com vigor: «O Evangelho que nos confiaram ... é, para o homem e para toda a sociedade, a Boa Nova dessa salvação que é preciso começar e manifestar desde já sobre a terra», ainda que não possamos atingir a sua plenitude senão para além das fronteiras da vida presente» ¹⁷. A promoção da justiça é parte integrante da evangelização.

31. Seremos assim testemunhas dum Evangelho que **80**
liga indissolivelmente o amor de Deus com o serviço do homem. Num mundo em que hoje se conhece a força das estruturas sociais, económicas e políticas, em que se conhecem também os seus mecanismos e leis, nele não pode o serviço evangélico deixar de exercer acção adequada sobre tais estruturas.

¹⁵ Acerca da dignidade do homem, da imagem de Deus e de Cristo irmão, veja-se «Lumen Gentium», n. 42; GS., nn. 22, 24, 29, 38, 93.

¹⁶ Apoc., 21, 1.

¹⁷ Declaração final do Sínodo dos Bispos de 1974, n. 12. Ver também a alocução final do Papa Paulo VI.

81 32. Ao mesmo tempo, hoje como ontem, não basta — ainda que seja muito necessário — trabalhar na promoção da justiça e na libertação do homem só no plano social ou no plano das estruturas. A injustiça deve ser atacada por nós nas suas raízes, que estão no coração do homem. Precisamos portanto de trabalhar na mudança das atitudes e tendências, que geram injustiça e alimentam estruturas de opressão.

82 33. Além disso, a fim de atingir plenamente o seu fim, o nosso esforço de promoção da justiça deve ser conduzido de tal maneira que abra os homens ao desejo e ao acolhimento da libertação e da salvação escatológicas. Os meios a pôr em prática e as acções a empreender, devem acima de tudo, manifestar o espírito das bem-aventuranças e contribuir para a reconciliação entre os homens. Deste modo, o nosso esforço de promoção da justiça será inseparavelmente manifestação do espírito e da força de Deus. Assim corresponderá ele às necessidades profundas dos homens: não só carência de pão e exigência de liberdade, mas também do próprio Deus e da sua amizade, para viverem como filhos Seus.

Algumas condições necessárias

83 34. As empresas a que estes desafios nos provocam ultrapassam muito as nossas possibilidades. Mas poremos mãos à obra com todas as nossas forças. Com efeito, por graça de Deus, nova consciência apostólica parece ir-se afirmando pouco a pouco na Companhia inteira. De toda a parte nos chegou o eco de desejos, e muitas vezes até de compromissos decisivos, no sentido de se renovarem e adaptarem apostolados tradicionais e também de se tomarem tarefas novas. As orientações dadas aqui pretendem sobretudo confirmar e concretizar certas opções, e levar à tomada de compromissos ainda mais firmes.

35. *Inserção no mundo.* Demasiadas vezes estamos isolados do contacto real com a não-crença, e com as consequências concretas e quotidianas da injustiça e da opressão. Arriscamo-nos a não chegar a ouvir a interpelação evangélica que nos é dirigida pelos homens e mulheres do nosso tempo. Uma inserção mais resoluta no mundo será, portanto, testemunho decisivo da nossa fé, da nossa esperança e da nossa caridade apostólica. Com discernimento e baseando-nos em comunidades apostólicas vivas, estaremos nós dispostos a ser testemunhas do Evangelho em situações difíceis, nas quais a nossa fé e a nossa esperança serão postas à prova da incredulidade e da injustiça? Estaremos dispostos, por outro lado, a consagrar-nos aos estudos austeros e profundos que cada vez mais se requerem para compreender e resolver os problemas contemporâneos, em teologia, em filosofia e nas ciências humanas? Essa inserção é necessária se queremos partilhar a nossa fé e a nossa esperança, e deste modo anunciar o Evangelho que realmente corresponda à expectativa e às aspirações dos nossos contemporâneos. **84**

36. A inserção apostólica toma já agora formas diversas segundo as regiões. Quaisquer que sejam essas formas, elas supõem sempre em nós a formação sólida, forte coesão comunitária e consciência bem clara da nossa identidade. Em toda a parte, elas devem também ter em conta a aculturação, necessária em qualquer lugar, para a proclamação do Evangelho e para a aceitação de Jesus Cristo, segundo a variedade das nações, dos grupos ou classes, e dos meios. **85**

37. *Colaboração mais íntima com os outros.* Esta inserção será verdadeiramente apostólica na medida em que nos conduza a mais estreita colaboração com os outros membros das Igrejas locais, com os cristãos doutras confissões, com os crentes doutras religiões, com todos os que têm «fome e sede de justiça» e ambicionam fazer do nosso **86**

mundo uma terra de homens, em que a fraternidade abra caminho ao reconhecimento de Jesus Cristo e ao acolhimento de Deus nosso Pai. O ecumenismo tornar-se-á então, para nós, um espírito e como que uma maneira de ser, de pensar e de actuar, além de constituir ministério particular. Este ecumenismo, aberto às dimensões do mundo, é hoje em dia necessário a uma proclamação e a um acolhimento do Evangelho que tome em conta as diferenças culturais e o valor das tradições espirituais e aspirações de todos os grupos e de todos os povos.

- 87 38. *Refontalização apostólica.* Nesta linha somos levados à prática dos *Exercícios Espirituais*. Por ela podemos reavivar sem descanso a nossa fé e a nossa esperança apostólica, graças a um encontro renovado do amor de Deus em Jesus, e, ao mesmo tempo, confirmar a nossa vontade de sermos *companheiros de Jesus* na sua missão e como Ele solidários dos pobres, para colaborarmos no seu Reino. Nesta mesma experiência espiritual aprenderemos a revitalizar e a rever constantemente os nossos compromissos, assimilando pouco a pouco a pedagogia apostólica inaciana, que deve caracterizar toda a nossa acção.

C. Opções apostólicas para o dia de hoje

O homem e as estruturas

- 88 39. Para a maior glória de Deus e para a salvação dos homens, queria Inácio que os seus companheiros fossem para onde se esperasse um bem mais universal e para onde vivessem aquelas pessoas que, votadas ao abandono, se encontrassem em maior necessidade. Mas onde se encontra hoje a necessidade maior? Onde se encontra a esperança dum bem mais universal?

40. As estruturas sociais — tomamos disso mais viva **89**
consciência de dia para dia — contribuem para moldar o
mundo e até o homem, mesmo nas suas ideias e sentimen-
tos, no mais íntimo dos seus desejos e aspirações. A acção
para transformar essas estruturas, em vista da libertação
tanto espiritual como material do homem, fica assim, para
nós, estreitamente ligada à obra da evangelização, embora
isso não nos dispense nunca de trabalhar directamente com
as mesmas pessoas, que são vítimas da injustiça das estru-
turas e também com as que nestas têm alguma responsa-
bilidade ou influência.

41. Esta vasta perspectiva permite assim reconciliar **90**
a solicitude do bem mais universal com a vontade de
servir as maiores angústias, tendo em vista o anúncio
evangélico. Este anúncio será melhor ouvido se for acom-
panhado dum compromisso efectivo pela promoção da
justiça e pela antecipação do Reino que há-de vir.

O compromisso social

42. O compromisso de promover a justiça, em soli- **91**
darietàade com os chamados «sem voz» e «sem poder»,
compromisso imposto pela nossa fé em Jesus Cristo e pela
nossa missão de anúncio do Evangelho, levar-nos-á a in-
formar-nos cuidadosamente dos difíceis problemas da sua
vida, e depois a reconhecer e a assumir as responsabilida-
des, especificamente nossas, na ordem social.

43. As comunidades jesuíticas deveriam ajudar cada **92**
um dos seus membros a vencer as resistências, temores e
apatias, que impedem a compreensão verdadeira dos pro-
blemas sociais, económicos e políticos que se põem na
cidade, na região ou no país, até mesmo a nível interna-
cional. A tomada de consciência de tais problemas ajudará
a descobrir como se há-de anunciar melhor o Evangelho

e como se há-de participar, de modo específico e sem procurar suplantar outras competências, nos esforços requeridos para uma promoção real da justiça.

93 44. Em nenhum caso poderemos dispensar uma análise, a mais rigorosa possível, da situação quanto ao aspecto social e político. É preciso aplicar nessa análise as ciências tanto sagradas como profanas e as diversas disciplinas especulativas ou práticas. Tudo isto requer estudos profundos e especializados. Nada poderá dispensar também um discernimento sério sob o ponto de vista pastoral e apostólico. Daqui resultará a tomada de compromissos que a experiência nos ensinará como os havemos de levar mais longe.

94 45. O Superior local e, até, muitas vezes, o Superior Provincial deverão tomar parte neste discernimento. Isto permitirá com frequência salvar, para além de tensões inevitáveis, a união dos espíritos. O Superior ajudará a comunidade não só a tolerar certos apostolados mais particulares, assumidos dentro da obediência, mas até a sentir-se solidariamente responsável por eles. E se alguma comunidade tiver de sofrer por causa de compromissos, assumidos em consequência dum discernimento em que ela tenha participado — ao menos por mediação do Superior —, estará melhor preparada para enfrentar o sofrimento, apoiada na palavra do Senhor que proclamou «bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça»¹⁸.

95 46. Com efeito não trabalharemos na promoção da justiça sem que isso muito nos custe. Mas este trabalho tornará mais significativo o nosso anúncio do Evangelho e mais fácil o seu acolhimento.

¹⁸ Cf. Mat., 5, 10.

A solidariedade com os pobres

47. Esta opção deve levar-nos a rever as nossas solidariedades e preferências apostólicas. De facto, a promoção da justiça para nós, não constitui somente, um campo apostólico como tantos outros, o do apostolado social; deve ser uma preocupação de toda a nossa vida e constituir uma dimensão de todas as nossas tarefas apostólicas. **96**

48. Do mesmo modo, a solidariedade com os homens, que levam uma vida difícil e estão, colectivamente, oprimidos, não pode ser assunto de alguns jesuítas apenas. É solidariedade que deve marcar a vida de todos, tanto no plano pessoal como no comunitário e até institucional. Impor-se-ão mudanças nas nossas formas e estilos de vida, a fim de que a pobreza, de que fizemos voto, nos identifique com Cristo pobre que se identificou a si mesmo com os mais desprovidos¹⁹. Serão também necessárias revisões e opções quanto às nossas inserções institucionais e aos empreendimentos apostólicos. **97**

49. Frequentemente a nossa proveniência e também os nossos estudos e as nossas afinidades, «protegem-nos» da pobreza e até da vida simples e das preocupações do dia a dia. Temos acesso a certos saberes e a certos poderes, coisas de que a maior parte da gente não goza. Será, portanto, necessário que um maior número dos Nossos partilhe, mais de perto, a sorte das famílias de rendimento modesto: daqueles que, em todos os países, constituem a maioria, muitas vezes pobre e oprimida. E será necessário que, graças à solidariedade que nos vincula todos ao mesmo corpo da Companhia, e graças à comunicação e permuta fraterna, nos tornemos todos sensíveis às difi- **98**

¹⁹ Cf. Exercícios Espirituais, nn. 90, 147, 167; e Mt., 25, 35-45. Ver também as decisões da presente Congregação Geral sobre a pobreza jesuítica.

cuidades e às aspirações dos mais desprotegidos por meio daqueles dos Nossos que as vivem mais de perto. Assim aprenderemos a fazer nossos os seus cuidados, preocupações e esperanças. Só por este preço, é que, pouco a pouco, a nossa apregoada solidariedade se tornará real.

- 99 50. Caminhando nós paciente e humildemente ao lado dos pobres, ficaremos a saber qual o auxílio que lhes poderemos levar, depois de termos primeiro aceitado receber muito deles. Sem este caminhar lento ao lado deles, a acção a favor dos pobres e oprimidos estaria em contradição com as nossas intenções e impediria esses mesmos, que nós desejamos ajudar, de tomarem sobre si os meios eficazes para atingir o seu destino pessoal e colectivo. Mediante um serviço mais humilde, teremos oportunidade de levá-los a descobrir, no coração das suas lutas e dificuldades, Jesus Cristo vivo e operante, graças ao poder do Espírito. Assim conseguiremos falar-lhes de Deus Pai que reconcilia consigo a humanidade, estabelecendo nela a comunhão duma fraternidade verdadeira.

A diaconia da fé

- 100 51. A nossa vida, a inteligência teológica que dela temos, e a relação pessoal com Cristo, que deve existir no centro do nosso pensamento e da nossa acção, são coisas que não constituem três «campos» distintos, a que pudessem corresponder três «sectores apostólicos». A promoção da justiça, a apresentação da nossa fé e o encaminhamento para o encontro pessoal com Cristo constituem, pelo contrário, dimensões constantes de todo o nosso apostolado.
- 101 52. Não podemos, por conseguinte, contentar-nos só com a revisão do nosso compromisso pela justiça. Precisamos também de examinar a nossa aptidão para comunicar a verdade, que dá sentido a este compromisso; precisamos

de levar os homens a encontrar Cristo no centro das suas vidas, segundo o Evangelho. Precisamos, igualmente, de medir, de maneira crítica, os esforços que fazemos, quer para confirmar na fé os cristãos que se debatem com dificuldades que a afectam, quer para verdadeiramente nos encontrarmos com os não-crentes (segundo o decreto 3 da Congregação Geral XXXI, sobretudo o n. 11).

Evangelização e aculturação

53. No decorrer dos últimos anos, preocupou-se a **102** Igreja com exprimir mais plenamente a sua catolicidade, prestando maior atenção à diversidade dos seus membros. Mais que no passado, preocupa-se ela hoje por assumir a identidade de grupos e nações, as suas aspirações tanto a um desenvolvimento sócio-económico como a uma inteligência do mistério cristão, que estejam de acordo com a sua história e tradições próprias.

54. A «encarnação» do Evangelho na vida da Igreja, **103** exige que Cristo seja anunciado e encontrado de maneiras diferentes, segundo a diversidade dos países e dos ambientes, tendo em conta as riquezas próprias. Além disso, em várias comunidades cristãs, especialmente na Ásia e África, esta «economia da encarnação» requer diálogo mais profundo com os herdeiros das grandes tradições religiosas não-cristãs. Os jesuítas que trabalham nesses países devem-no ter em conta. Em certas nações do Ocidente que parecem já não poder usar o nome de cristãs, a linguagem da teologia e da oração tem de ser renovada. Por fim, nos países onde reinam ideologias abertamente ateias, a pregação renovada do Evangelho reveste importância especial. Em toda a parte, o anúncio da Boa Nova, para ser efectivamente acolhido, exige não só que as nossas vidas sejam marcadas pelo testemunho de justiça a que Cristo nos chama, mas também que as estruturas da refle-

xão teológica, da catequese, da liturgia e da acção pastoral sejam adaptadas às necessidades que a experiência real do meio tenha manifestado.

104 55. A Companhia de Jesus, em virtude da sua vocação universal e da sua tradição missionária, tem especiais responsabilidades a este respeito. O trabalho de cada um de nós deve ser orientado para a encarnação da fé e da vida eclesial na diversidade das tradições e culturas próprias dos grupos e colectividades que deseja servir, e orientado ao mesmo tempo para a comunhão de todos os cristãos na unidade da mesma fé.

105 56. Por outro lado, a Igreja tem hoje consciência de que o problema da «inculturação» não se apresenta unicamente em relação aos valores culturais próprios de cada nação, mas também em relação aos valores novos e universais que resultam duma comunicação aprofundada e contínua entre as nações. A Companhia de Jesus deve levar a sua ajuda à Igreja, nesta tarefa de «aggiornamento» ou inculturação do Evangelho no plano universal, em relação a estes novos valores.

Os Exercícios Espirituais

106 57. O ministério dos Exercícios Espirituais manifesta-se, em tudo isto, de particular importância. É traço característico da pedagogia dos Exercícios Espirituais procurar afastar os obstáculos entre Deus e o homem, para deixar o Espírito operar Ele próprio o encontro. Esta pedagogia inaciana convida a respeitarmos cada um, com a sua cultura, as suas qualidades próprias e as tradições que o ajudaram a tornar-se aquilo que é. Essa pedagogia apresenta-se, além disso, como pedagogia de busca e de discernimento; ela ensina a descobrir a vontade e os caminhos de Deus, ali onde Ele interpela a cada um com o

seu passado, no coração mesmo da vida, no povo que é o seu.

58. Os Exercícios Espirituais podem também ajudar a formar cristãos capazes de se alimentarem duma experiência pessoal de Deus Salvador e de se manterem longe dos falsos absolutos das ideologias e dos sistemas, comprometendo-se nas reformas estruturais, sociais e culturais necessárias. Por conseguinte, os Exercícios constituem, para nós, instrumento de grande valor e conservam a sua actualidade. Os estudos feitos para redescobrir o seu dinamismo próprio em função do nosso tempo, devem ser estimulados, e da mesma maneira as experiências conducentes a adaptá-los às necessidades novas. Este espírito dos Exercícios deve, além disso, penetrar todas as outras formas do ministério da Palavra, às quais nos entregamos. **107**

*Orientações para melhor harmonização
dos nossos esforços*

59. Apresentando assim a nossa actividade apostólica em todas as suas dimensões, a Congregação Geral, segundo as orientações já dadas pelo Padre Geral num discurso aos membros da Congregação dos Procuradores em 1970, quer sublinhar de novo a importância especial da reflexão teológica, da acção social, da educação e dos meios de comunicação social (mass media), como recursos para o anúncio do Evangelho, hoje. A importância de tais meios está em que eles permitem um serviço mais universal do homem, na descoberta das suas necessidades mais profundas. **108**

60. Na prática, isto levar-nos-á:

109

- a dar mais importância à investigação e à reflexão teológica realizadas de maneira interdisciplinar e integradas nas diversas culturas e tradições,

para a conveniente elucidação dos grandes problemas que a Igreja e a humanidade têm hoje de encarar;

- a desenvolver todo o género de actividades de consciencialização evangélica dos agentes de transformação social, particularmente dos consagrados ao serviço dos pobres e dos oprimidos;
- a continuar a intensificar a obra de formação, revalidando-a sem cessar, em todo o sector da educação: é preciso preparar jovens e adultos para que venham a comprometer-se numa existência e numa acção a favor dos outros e ao lado dos outros, com vista à edificação dum mundo mais justo; é preciso também trabalharmos, muito especialmente, por dar aos alunos cristãos uma formação tal que eles, animados por uma fé amadurecida e aderindo pessoalmente a Jesus Cristo, o saibam encontrar nos outros homens e tendo-O encontrado, O sirvam no próximo. Deste modo poderemos contribuir para a formação de multiplicadores, utilizáveis no processo da educação do mundo;
- a examinar se somos capazes de comunicar o que levamos no coração não só às pessoas que contactamos directamente, mas ainda a todas aquelas que nunca poderemos contactar uma a uma, nem poderemos ajudar senão na medida em que tivermos mudado, para o tornar mais humano, o clima social — ideias e comportamentos — nos locais onde trabalhamos. Os meios de comunicação social têm uma importância capital neste particular.

110 61. Devemos, por fim, evitar compreender estas diversas orientações como independentes entre si: são, antes, aspectos complementares dum único esforço apostólico,

convergingdo todos juntos, para a promoção integral do homem.

D. Um corpo para a missão

62. A dispersão apostólica, inerente à nossa vocação de jesuítas, exige de nós, nas circunstâncias actuais, uma solidariedade renovada e robustecida pelo facto de pertencermos todos à Companhia. **111**

63. Daí a importância da comunidade apóstólica, que o Superior deve aglutinar. Nela deve cada um poder encontrar a realimentação de que precisa, pela oração, pela comunicação fraterna e pela celebração da Eucaristia. Como deve também poder encontrar na comunidade o lugar propício para o discernimento apostólico, sempre necessário. **112**

64. A Congregação Geral XXXI já tinha explicitado as exigências da vida comunitária na Companhia²⁰. O que nos parece dever acrescentar é a necessidade de as comunidades se tornarem mais resolutamente apostólicas, mesmo quando os membros delas andem dispersos em trabalhos diferentes. **113**

65. Quer trabalhe com outros, quer actue isoladamente, o que importa é que cada jesuíta seja e se sinta «enviado». Ao Superior compete, depois de acompanhar cada um no seu próprio discernimento, garantir a inserção das tarefas apostólicas de todos na missão global da Companhia. Cabe-lhe também a ele precisar e adaptar a missão dada a cada um pelo Provincial, e promover a **114**

²⁰ Cf. Decreto 19 da XXXI Congregação Geral.

coesão dos membros da comunidade entre si e com todo o corpo da Companhia a que pertencem²¹.

- 115** 66. Esta pertença à Companhia é essencial e deve prevalecer sobre todos os vínculos (instituições de qualquer ordem, dentro ou fora da Companhia). Ela deve caracterizar qualquer outro compromisso, que por ela é transformado em «missão». A «missão», por sua vez, é dada pela Companhia e por ela deve ser revista, e é ela que a pode confirmar ou modificar, conforme o requeira o maior serviço de Deus.
- 116** 67. Esta responsabilidade própria do Superior exige que se dê nova vida à prática da conta de consciência, por meio da qual o Superior pode participar e ajudar no discernimento de cada um²². Exige também que o mesmo superior reflita constantemente, com a ajuda dos companheiros, sobre as necessidades apostólicas novas que surgem e sobre as possibilidades de as satisfazer. Exige, por fim, que ele anime os tímidos e estimule os hesitantes, que providencie a fim de cada um poder encontrar inserção comunitária e inserção apostólica, que lhe permitam trabalhar com entusiasmo, capaz de enfrentar os riscos apostólicos necessários.
- 117** 68. A nossa pertença ao corpo apostólico da Companhia ultrapassa contudo os limites da comunidade local; insere-se na Província, que também constitui uma comunidade apostólica. Mais ainda: a Província, que é o lugar próprio do discernimento e a conjugação de esforços para acções apostólicas mais vastas, é, por si, parte do corpo e da comunidade apostólica da Companhia total. Este

²¹ Ver as directrizes da presente Congregação Geral sobre a união dos espíritos, em particular o que se refere à vida espiritual e comunitária.

²² Ibid.

corpo da Companhia inteira é o lugar em que hão-de ser elaboradas e decididas as grandes opções e orientações, de que se deve sentir solidariamente responsável cada membro.

69. Isto exige, da parte de todos, grande disponibilidade e verdadeira mobilidade apostólica, ao serviço da missão universal da Igreja. Tocarà ao Padre Geral, com o auxílio dos seus Conselheiros, animar eficazmente, na Companhia inteira, o nosso serviço comum do Evangelho e da sua justiça. Mas pedimos também a todos os nossos irmãos jesuítas, especialmente aos Provinciais, que prestem o concurso da sua actividade e cooperação constante neste trabalho de animação e conjugação de esforços, que o Padre Geral deve assumir, mesmo quando isto haja de perturbar os nossos hábitos e o nosso sossego dentro de horizontes talvez menos universais. A estreita interdependência que caracteriza a sociedade hodierna, tanto a nível de mentalidades, aspirações e concepções religiosas, como das estruturas, torna indispensável esta conjugação de esforços, se queremos ser fiéis à nossa missão avengelizadora. **118**

E. Disposições práticas

70. As opções e orientações gerais, a respeito da nossa missão apostólica nos dias de hoje, encerram exigências concretas, que desejamos explicitar aqui, nalguns pontos particulares. **119**

Programa de tomada de consciência e de discernimento apostólico

71 Tendo em conta a diversidade das situações em que os jesuítas trabalham, a Congregação Geral não pode- **120**

ria elaborar programas concretos de consciencialização e de acção, requeridos em cada região para as opções e orientações aqui apresentadas. Pedes antes a todas as Províncias ou agrupamentos regionais da Companhia que prosigam no processo de reflexão e revisão apostólica, para abrir os caminhos de acção mais apropriados.

121 72. Não se trata dum inquérito, mas sim dum processo de reflexão e de avaliação inspirado na tradição inaciana de discernimento espiritual. A oração e o esforço de «indiferença» ou de disponibilidade apostólica devem entrar nesse processo.

122 73. As grandes linhas dum tal processo de consciencialização e discernimento estão sumariamente descritas na *Octogesima Adveniens*, n. 4: experiência, reflexão, opções e consequente acção, tudo isto numa constante interligação, segundo o ideal do jesuíta de «contemplativo na acção». Visa este método assegurar a transformação dos habituais esquemas do pensamento e a conversão dos espíritos e dos corações. Daqui brotarão as decisões apostólicas.

123 74. Este discernimento conduzirá, entre outras coisas, à identificação e análise dos problemas numa evangelização, que deseja tomar a sério as exigências da «diaconia da fé» e da promoção da justiça, e há-de conduzir também à identificação e apreciação das nossas solidariedades e dos nossos compromissos apostólicos. Onde vivemos? Onde trabalhamos? Como? Com quem? Quais são eventualmente as nossas convivências, dependências ou compromissos a respeito de ideologias e poderes? Sabemos falar de Jesus Cristo a quem não esteja já convertido?, etc. Tudo isto, ao mesmo tempo, no plano pessoal, comunitário e institucional.

*Para uma apreciação constante
das nossas actividades apostólicas*

75. Na escolha das actividades apostólicas e no estabelecimento de certas prioridades ou programas, a Congregação Geral pede a todos que tenham em conta as orientações acima apresentadas. **124**

76. Na revisão dos ministérios e na orientação apostólica, dos efectivos e dos recursos humanos, deve-se prestar particular atenção ao papel que podem desempenhar — no serviço da paz e da justiça — os nossos estabelecimentos de ensino, as nossas revistas, as nossas paróquias, as nossas Casas de Exercícios e outras obras de apostolado, cuja responsabilidade assumimos. Mas não é só a acção apostólica organizada que deve ser revista a essa luz. Os ministérios apostólicos de cada um devem sê-lo também. **125**

77. Em cada Província ou região, ou ao menos em cada Assistência, deve existir um mecanismo ou instituição de avaliação e revisão dos ministérios (cf. Congregação Geral XXXI, decreto 22). Parece oportuno examinar a eficácia desses mecanismos já existentes e, se fôr necessário, proceder à substituição deles por outros mais adaptados, que assegurem uma participação mais ampla no discernimento comum. O Superior Maior, responsável por esses serviços, deve enviar todos os anos ao Padre Geral relação do trabalho realizado. **126**

*Os compromissos apostólicos:
alguns casos particulares*

78. A Congregação Geral reconhece a importância da presença e colaboração dos NN. em diversos sectores da actividade humana, especialmente nas regiões mais **127**

secularizadas. Reconhece igualmente as possibilidades apostólicas reais que oferece, em certos casos, a prática duma profissão ou dum ofício que não pertence directamente ao ministério presbiteral, em sentido estrito (cf. Congregação Geral XXXI, decreto 23, n. 12).

128 79. Considera ainda a Congregação Geral que tais compromissos podem constituir objecto duma missão na Companhia, quando satisfizerem as condições seguintes: envio pelo Superior; fim claramente apostólico; trabalho de preferência nos meios descristianizados ou desfavorecidos; actividade compatível com as exigências da nossa missão e com a natureza sacerdotal do serviço apostólico do corpo da Companhia, e também com as exigências essenciais da nossa vida religiosa — oração e vida interior, vinculação com o Superior e com uma comunidade jesuítica, pobreza e disponibilidade.

129 80. A vontade realista de promoção da justiça não pode prescindir dalguns compromissos no plano social e colectivo. No caso de compromissos de carácter excepcional, seguir-se-á a prática comum da Igreja (cf. Sínodo dos Bispos de 1971) e as normas dadas pelo Padre Geral (AR XV, 942). E se, nalgumas regiões, se julgar oportuno pormenorizar mais critérios, normas e directrizes, competirá aos Provinciais, quando possível em conferências regionais, prover a essa necessidade. Uma vez aprovadas tais normas pelo Padre Geral, compete ao Superior Provincial — depois de consulta e com a concordância, segundo os casos, ou do Bispo do lugar ou da Conferência Episcopal — conceder ou negar a autorização pedida.

Cooperação internacional

130 81. Considerada, enfim, a dimensão internacional dos maiores problemas do nosso tempo, serão necessárias uma real disponibilidade e mobilidade para aumentar a coope-

ração e a conjugação de esforços a nível de toda a Companhia. Todos os jesuítas, em particular dos países ricos, devem esforçar-se, na medida do possível, por colaborar com as pessoas que formam a opinião pública e com os organismos internacionais, a fim de promoverem a justiça nas relações entre os povos. Finalmente, pede a Congregação Geral ao Padre Geral que designe um dos seus Conselheiros que se encarregue de melhor assegurar esta cooperação mundial posta ao serviço da evangelização e da promoção da justiça.